



## **Formatos do Telejornalismo no ensino a distância: convergência entre informação e conhecimento<sup>1</sup>**

Edna de Mello SILVA<sup>2</sup>

Gizeli Costa Bertollo MENEZES<sup>3</sup>

Fundação Universidade do Tocantins, Palmas, TO

### **RESUMO**

O trabalho discute a contribuição dos formatos de apresentação de notícias do jornalismo de televisão para a produção de vídeos-educativos exibidos nas teleaulas do modelo de educação a distância. Apresenta a necessidade da apropriação de elementos técnicos de produção da reportagem por parte do vídeo-educativo e constata a legitimidade que o discurso jornalístico de televisão empresta às produções de vídeos-educativos das teleaulas dos cursos de graduação a distância oferecidos pela UNITINS/Eadcon.

**PALAVRAS-CHAVE:** telejornalismo; vídeo-educativo; educação a distância; televisão; teleaulas.

Com a mediação das novas tecnologias, os novos ambientes de aprendizagem se configuram como espaços abertos com uma comunicação de “muitos para muitos” como denomina Pierre Lévy (2004, p.166). Um “não lugar” que permite a interatividade, o compartilhamento, a construção e a reconstrução do conhecimento. Nesse cenário contemporâneo, o esquema clássico de comunicação emissor-mensagem-receptor cai por terra. Em vez de mensagens fechadas e autoritárias, a interação se torna a palavra de ordem. O emissor passa também a receptor e o receptor a emissor, e ambos podem descortinar um horizonte de informações com inúmeras rotas de navegação, conexões e aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Jornalismo, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Edna de Mello Silva é doutora e mestra em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, jornalista e professora de ensino superior (UFT) e participa do Núcleo de Mídia Televisiva da UNITINS (Fundação Universidade do Tocantins), como revisora de conteúdo de vídeos-educativos.

<sup>3</sup> Gizeli Costa Bertollo Menezes é mestranda em Tecnologias Digitais e Sociedade do Conhecimento pela UNED –Espanha, especialista em Ciência da Comunicação pela ULBRA, e em Educação, Comunicação e Novas Tecnologias pela UNITINS e coordena o Núcleo de Mídia Televisiva da UNITINS (Fundação Universidade do Tocantins).



Em vários países da Europa, a educação a distância já se encontra sedimentada como uma importante alternativa ao processo de ensino-aprendizagem. Ao contrário da escola tradicional que requer a presença do aluno em local e horário específicos, a educação a distância permite que o aluno faça sua própria agenda, estude e acompanhe os encontros com o professor pela televisão e pela web. Trata-se de uma nova maneira de pensar a educação, já que o aluno se torna o principal agente de sua formação.

Na Fundação Universidade do Tocantins, que atua com a educação a distância em cursos de graduação<sup>4</sup> há mais de 7 anos, em parceria com a Eadcon (Sociedade Civil de Educação Continuada), o ensino a distância está amparado nas teleaulas, no material impresso e na web tutoria. As teleaulas são transmitidas ao vivo, via satélite para mais de 110 mil alunos distribuídos em telessalas montadas em todos os estados brasileiros.

Uma das ferramentas mais importantes desse novo processo de ensino-aprendizagem é o vídeo-educativo. Apresentado durante a teleaula, essa modalidade de produção audiovisual tem o desafio de tornar o conteúdo das disciplinas mais agradável e interessante para os alunos, além de unir a linguagem televisiva à necessidade pedagógica de transformação de informação em conhecimento.

A especificidade da linguagem televisiva pressupõe o uso disciplinado da convergência de som e imagem no campo discursivo. Para uma melhor adequação do discurso pedagógico presencial para a modalidade telepresencial foram adaptados alguns formatos já consagrados pelo Telejornalismo, numa tentativa de aproximar o conteúdo curricular à experiência televisual do aluno.

Propomos discutir nesse artigo, a presença de elementos do formato jornalístico de televisão e sua aplicabilidade pedagógica nos vídeos-educativos das teleaulas na modalidade de educação a distância da Fundação Universidade do Tocantins.

---

<sup>4</sup> Os cursos têm em sua programação tele-encontros semanais. Assim, embora seja na modalidade “a distância”, o formato adotado pela universidade permite o convívio e a socialização em sala de aula comuns no ensino tradicional. São oferecidos cursos de ensino superior nas áreas de Administração, Ciências Contábeis, Normal Superior, Pedagogia, Letras, Matemática, Serviço Social, Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Fundamentos Judiciários. Na área de Pós-Graduação, a Unitins oferece sete cursos nas áreas de Administração, Ciências Agrárias, Ciências Contábeis, Direito e Educação.



## O telejornalismo como gênero televisivo

A televisão motivou uma grande transformação nas relações das pessoas com o mundo que as cercam. Ao permitir a *tele visão*, ou seja, a visão a distância, o espaço e o tempo foram diluídos através da sucessão de imagens e sons, não no espaço público, como na era do cinema, mas no âmbito doméstico, girando em torno do núcleo familiar. Diferente do rádio, que a antecedeu no ambiente da família, a tv trouxe a familiaridade do olhar, do conhecimento através da visão.

O Brasil foi o primeiro país da América Latina e o quarto país do mundo a possuir uma estação de televisão (os outros foram Estados Unidos, Inglaterra e França). O empresário Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados - um dos mais importantes grupos de comunicação do país – investiu 5 milhões de dólares na compra de equipamentos da RCA Victor, empresa americana associada ao canal NBC (o primeiro canal comercial de tv). Em 18 de setembro de 1950, ocorreu a primeira transmissão da PRF-3-TV Tupi de São Paulo com duas horas de programação, exclusivamente musicais.

A televisão brasileira inicia sua programação com uma importante vocação para o entretenimento. Devido à falta de condições técnicas e de pessoal especializado, a televisão herdou a tradição do espetáculo ao vivo, presente no rádio e no teatro. Segundo Avancini (2001, p. 318) o formato dos programas radiofônicos foram os primeiros modelos para a programação da tv:

“Vivíamos num país onde, mesmo antes da televisão, não havia qualquer tradição de teatro ou cinema. A própria literatura tinha suas dificuldades para conseguir mercado, como ainda tem até hoje. Então, o rádio era a forma mais importante de produção de entretenimento. Houve uma reciclagem da experiência radiofônica para as primeiras experiências na tv brasileira”.

A presença no noticiário na tv surgiu dois dias mais tarde, com um modelo semelhante ao do cinejornal, um noticiário gravado em película que era exibido



antes das sessões de cinema trazendo informações geralmente oficiais, como as visitas e inaugurações do Presidente da República.<sup>5</sup>

A primeira exibição de um telejornal brasileiro aconteceu em 20 de setembro de 1950, quando o telejornal *Imagens do Dia* noticiou o desfile cívico-militar pelas ruas de São Paulo. Tornou-se comum o patrocínio de noticiários pelas empresas, desta forma, em 1952, nasciam o *Telenotícias Panair* (empresa de aviação) exibido na Tv Tupi de São Paulo e o *Repórter Esso* (*multinacional de combustíveis*), apresentado por Gontijo Teodoro da Tv Tupi do Rio. ( No ano seguinte, o telejornal veio para São Paulo). Os programas eram exibidos ao vivo com narração oral dos apresentadores num cenário simples composto por uma mesa com uma cortina de fundo e uma cartela com o nome do patrocinador. A gravação das imagens era feita por câmeras de cinema de 16 milímetros e como a revelação e montagem dos filmes eram demoradas, a transmissão das imagens dos fatos poderia atrasar até 12 horas.<sup>6</sup>

Nos anos seguintes, a televisão brasileira acompanhou os avanços tecnológicos como o videoteipe (1960) e as transmissões via satélite (1969). Em setembro de 1969, a Rede Globo lança o Jornal Nacional, transmitido simultaneamente para as cidades: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. Em dezembro de 1971, o *Repórter Esso* vai ao ar pela última vez, vencido pela concorrência do Jornal Nacional. Seu sucessor, o *Rede Nacional de Notícias*, transmitido ao vivo para várias capitais do país, não teve a mesma aceitação do público.<sup>7</sup>

A presença do noticiário na televisão fez com que os telespectadores fossem “testemunhas oculares” de vários momentos importantes do século XX, como a transmissão da chegada do homem à Lua, em 1969, e no século XXI possibilitou que milhões de pessoas em todo o mundo assistissem impotentes ao ataque terrorista sofrido pelos EUA, em 11 de setembro.

---

<sup>5</sup> RICHERS, Herbert. *O rei da voz*. In: SILVA JÚNIOR, Gonçalo. *País da tv: a história da televisão brasileira por*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001. Pág. 198.

<sup>6</sup> REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000. págs. 105 a 107.

<sup>7</sup> Idem. Pág. 111.



Bacega (2003, p. 68) destaca a importância do telejornalismo no cenário brasileiro, tendo em vista que muitas vezes ele é o único meio informativo a que a população tem acesso:

“Embora merecedores de críticas, os telejornais, que apresentam as notícias como espetáculos, transformando-os em narrativas maniqueístas de bem e mal, acabam por constituir-se no paradigma da verdade e do realmente acontecido. O que não saiu no telejornal não existiu. E o ponto de vista divergente ao apresentado por ele não tem lugar. Desse modo, a televisão certifica a realidade, por intermédio de sua enorme capacidade técnica para naturalizar seu discurso diante dos telespectadores.”

O trabalho do jornalista nos noticiários de televisão envolve desde o desenvolvimento da pauta da reportagem até a redação das cabeças que serão lidas pelo (s) apresentador (es). As notícias nos telejornais têm características próprias, pois a *televisão* necessita da imagem. Desta forma, os acontecimentos são mostrados, de preferência com imagens factuais da notícia, acompanhadas pela locução do repórter ou do apresentador que limita a polissemia das imagens.

No modelo do telejornalismo tradicional, os apresentadores estabelecem um diálogo imaginário com quem está além da tela, no extra-quadro, o telespectador. A edição das imagens, a locução em off, a sucessão das notícias entremeadas pela troca de câmeras e sobretudo, o olhar dirigido do apresentador, tudo é pensado para que o telespectador se sinta um ser único.

A edição das matérias é feita para que o fato noticiado seja o espetáculo. A presença do repórter no local do acontecimento dá o testemunho de que seu relato é verdadeiro. A escolha dos entrevistados, o posicionamento que o repórter toma em relação à câmera, são todos elementos que compõem a visão de mundo que o noticiário televisivo tenta espelhar.

O que diferencia o telejornalismo da programação de entretenimento das emissoras é o seu testemunho de verdade. As imagens, a locução do repórter, o desempenho dos âncoras e apresentadores, a presença de comentaristas especializados são ingredientes de uma construção da notícia que tem por base o factual.



Duarte (2007, p.36) enfatiza:

“O telejornal é um subgênero cujo discurso se constrói tomando como referência o mundo real, exterior à mídia; trata-se de uma meta-realidade, cujo regime de crença proposto é a veridicção. Fica subjacente a toda produção de telejornais que sua missão, o que os funda e lhes confere legitimidade, é o relato objetivo do real, do mundo exterior.”

Muito embora a presença de imagens possa favorecer a espetacularização da notícia na televisão, também é importante perceber que o código icônico é uma ferramenta que aproxima o telespectador do universo que se deseja descortinar. Duarte (2007, p. 38) analisa:

“É a difusão das imagens técnicas referentes aos acontecimentos noticiados que sustenta os efeitos de sentido de proximidade temporal e espacial do telespectador com um real. Daí porque um dos critérios definidores da seleção dos acontecimentos a serem veiculados pelos telejornais passou a ser sua condição de apresentar uma face visível, o que muitas vezes, condena os fatos pobres em imagens à indiferença e ao silêncio por parte dos noticiários televisuais.”

Esse processo de interação com o telespectador despertado pela mediação da televisão, ancorado nos formatos jornalísticos deve permitir ir além na relação entre informar e entreter, ensinar e aprender. Pode ser direcionada à pedagogia dialógica tão defendida por Paulo Freire, onde educando e educador deixam de ter papéis estanques no processo de ensino-aprendizagem. “O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos” (FREIRE 1978, p.78). Em busca dessa dialogicidade, intensificam-se as discussões no campo da educação sobre a didática e as teorias curriculares, tanto no modelo presencial como nos ambientes telepresenciais .

### **Gêneros e formatos jornalísticos: da tv para as teleaulas**

Nas teleaulas transmitidas pelo sistema Unitins/Eadcon os alunos assistem às aulas em pólos (salas de aula com televisores e computadores com acesso à



Internet) e interagem com os professores através da web, de forma síncrona, durante a própria teleaula e também assíncrona com os professores webs. As teleaulas são transmitidas ao vivo, via satélite, diretamente dos estúdios instalados em Palmas, no estado do Tocantins. Atingem 25 estados brasileiros e o Distrito Federal, atendendo a cerca de 130 mil alunos distribuídos em mais de 1.400 municípios.

As teleaulas seguem o mesmo modelo de produção dos telejornais e são transmitidas de estúdios que reproduzem o cenário implementado pelo telejornalismo com bancada, fundo infinito e monitores de televisão. Durante as teleaulas os professores assumem a atitude de âncoras<sup>8</sup>, transmitem as informações, fornecem dados atualizados sobre o conteúdo da disciplina, com o auxílio de slides de textos e imagens (semelhantes ao que se chama de “arte” no jornalismo televisivo) e no lugar das matérias, entram os vídeos educativos. A apresentação estética e o figurino dos professores recebem atenção especial com o serviço de maquiadores e a disponibilidade de camarim equipado com o vestuário adequado ao espaço cênico televisivo.

Produzidos pela própria equipe de televisão da Universidade, os vídeos educativos nos formatos de reportagem, enquête, entrevista, tutorial, documentário, cases e clipes, têm a função de exemplificar ou aprofundar as discussões apresentadas pelos professores.

Rezende (2000, p. 146-151) defende que o arcabouço teórico dos gêneros jornalísticos nos meios impressos serve como ponto de partida para a definição dos gêneros do jornalismo na tv, mas confunde-se com o conceito de formatos. Para o autor, pertencem ao gênero informativo, os formatos de nota, notícia, reportagem e entrevista e indicador. No gênero opinativo destacam-se os formatos: editorial, comentário e crônica.

O formato de reportagem é considerado o relato ampliado de um acontecimento, é o ponto chave da apresentação do telejornal. Em sua estrutura completa a reportagem inicia-se pela *cabeça* (texto que o apresentador introduz o assunto da matéria), seguidas pelo *off*, que é o relato feito pelo repórter fora de cena

---

<sup>8</sup> Apresentador de telejornal que acrescenta comentários e informações adicionais à notícia., herdado do modelo norte-americano de telejornalismo.



(somente voz) coberto com imagens do fato; pelas *sonoras* que são os trechos editados das falas dos entrevistados; pela passagem em que o repórter aparece e fornece mais informações sobre o assunto ou introduz outro lado da notícia, e pela *nota pé* que traz os dados mais recentes do fato e é lida pelo apresentador. Nos vídeos-educativos esse mesmo formato é mantido. Os repórteres entrevistam especialistas das áreas afins ao conteúdo das aulas e montam reportagens fornecendo informações complementares sobre o tema abordado na disciplina.

Temas polêmicos ou abordagens que queiram apresentar o senso comum são apresentados na forma de enquete, o que permite um “aquecimento” sobre o assunto a ser desenvolvido em sala de aula e ajuda o professor a introduzir novas informações a partir das opiniões relatadas. A enquete é um formato clássico usado no telejornalismo sob o jargão de *povo fala*.

Outro instrumental importante para o professor durante as teleaulas são as entrevistas. As entrevistas podem ser feitas ao vivo ou gravadas em outros ambientes e apresentadas na teleaula. Especialistas e pesquisadores renomados, relatos de experiências e novas visões sobre o tema podem ser explorados com essa ferramenta. O valor testemunhal da entrevista, outro formato herdado do telejornal, dá veracidade e credibilidade ao discurso do professor, que funciona como um mediador.

A estrutura do documentário, como no telejornalismo, é utilizada como uma grande reportagem. Com uma apresentação mais longa que a reportagem tradicional, o documentário aprofunda as várias versões do tema debatido e fornece dados complementares que permitem ao aluno, uma percepção maior do processo histórico e das diversas vertentes que o assunto desperta.

O formato tutorial ensina passo a passo como executar um procedimento. Equivale às notas cobertas sobre matérias de serviços, em que aparece a voz do repórter em off, imagens desenvolvidas para o tema (infográficos) e imagens do assunto. Os clipes são materiais editados com música e seleção de imagens que despertam a curiosidade do aluno, assim como demonstram com sensibilidade uma abordagem de sentidos. Os *cases* são relatos de experiências como as matérias de *perfil* do jornalismo





ou estudos de caso. Nos *cases*, as práticas profissionais amparam as discussões teóricas encadeadas pelo professor, trazendo exemplo do cotidiano para a sala de aula.

### **Em tempo de conclusões**

As teleaulas são discursos imagético-estéticos que agregam recursos pedagógicos e televisivos, permitindo aos alunos compartilharem o conhecimento de forma mais lúdica, com um pouco da sedução, própria da linguagem audiovisual.

O tempo de exibição de cada teleaula é ancorado com a presença do professor/apresentador, que além de dominar a temática passa por uma capacitação para ministrar aulas em estúdio. Ambientado ao novo cenário e à estética televisiva imposta pelos padrões arraigados no inconsciente do ser humano enquanto telespectador ou o “homo videns” como refere Sartori (1997), o professor se vê obrigado a explorar toda a sua expressão corporal e o seu lado ator, que às vezes fica esquecido nos ambientes de ensino presencial. A linguagem televisiva, aliada aos suportes tecnológicos, a voz segura, mas não arrogante e uma boa expressão corporal fazem a diferença nas teleaulas, ao conquistarem a empatia de suas audiências.

Partindo da premissa que a imagem televisiva encanta e seduz o público, as teleaulas se transformam em discursos imagéticos e polifônicos, onde o professor conta com o suporte comunicacional e tecnológico que permite a dialogicidade e o envolvimento com o aluno. Entra em cena o vídeo educativo, um importante recurso audiovisual pensado e produzido para ilustrar determinada temática trabalhada pelo professor. Nesse sentido buscamos aqui exemplificar a contribuição do telejornalismo para o ensino a distância, que pela sua própria natureza tende a ser um recurso que traz legitimidade e veracidade ao discurso midiático e aos suportes pedagógicos e tecnológicos.

A respeito do que Gómez (2001, p. 104) revela quando afirma que “*las convergencias pedagógicas actuales entre lo televisivo y lo educativo tienen que fortalecerse y ampliar-se. Las audiências tienen mucho más que ‘ver’ en la televisión y la educación toda tiene mucho que ‘aprender’ de la televisión*”, acreditamos que a



modalidade de ensino a distância mediada pela televisão representa um momento diferenciado na educação brasileira que se quer cidadã e inclusiva.

## REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **Televisão e escola: uma mediação possível**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. **Comunicação e educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick . **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

DUARTE, Elizabeth Bastos. Telejornais: incidências do tempo sobre o tom. In: \_\_\_\_\_; CASTRO, Maria Lília Dias de (orgs.). **Comunicação audiovisual: gêneros e formatos**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. **Televisión, audiências y educación**. Buenos Aires: Editorial Norma, 2001.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 2004

PETERS, Otto. **A educação a distância em transição**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

REZENDE, Guilherme Jorge. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SARTORI, Giovani. Homo Videns – **Televisão e pós pensamento**. Bauru (S.P.): Edusc, 1997, p. 33)